

A VISÃO DE JOSÉ MATTOSO SOBRE A CULTURA MONÁSTICA EM PORTUGAL NOS SÉCULOS IX A XII

Dirceu Marchini Neto¹

Resenha de: MATTOSO, José. A Cultura Monástica em Portugal (875-1200). In **Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa**. 2ª edição. Lisboa: Editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

Portugal, segunda metade do século vinte; um historiador debruça-se sobre uma folha de papel e começa a escrever uma síntese sobre a cultura monástica portuguesa entre os séculos IX e XII. Este historiador era José Mattoso, um dos mais importantes e expressivos pesquisadores da História de Portugal. Sua síntese “*A Cultura Monástica em Portugal (875–1200)*”, publicada no livro “*Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*”, é uma análise acerca da influência dos monges sobre as pessoas que viviam no território português, um estudo da vida cotidiana desses monges (seus cultos e cultura), uma explicação sobre as escolas e bibliotecas monásticas e, como não poderia deixar de ser, uma expressão escrita das conclusões e entendimentos deste tão notável historiador contemporâneo. E são essas conclusões e entendimentos que tentaremos apresentar, fazendo uso de comentários breves e críticos.

O texto de José Mattoso inicia-se com uma breve análise do ensino monástico no oeste da Península Ibérica, a partir do século IX. Foi este ensino monástico, surgido antes da invasão muçulmana na Europa ocidental, que colaborou para que a cultura antiga fosse transmitida à Idade Média. O instrumento desta transmissão foi a figura do monge. Muitos “homens de igreja”, os quais aprenderam o que sabiam dentro de mosteiros ou sendo educados por monges, também nos legaram grandes obras literárias e estudos, como por exemplo, São Martinho de Dume, Santo Ildefonso, São Leandro, São Bráulio de Saragoça, Taio, Santo Isidoro de Sevilha, dentre outros.

Ainda no início do texto, Mattoso afirma que em Portugal havia, no período em estudo, menos obras escritas do que na maioria dos reinos e territórios europeus. O autor ainda apresenta os motivos: instabilidade territorial, geográfica e política. Até o

¹ Professor de cursos de graduação em História e em Direito, Mestre em História pela Universidade do Porto (Portugal) e doutorando em História pela Universidade de Brasília.

início do século XII, os monges portugueses vivam em condições desfavoráveis, sob ameaça islâmica, sob o domínio político de famílias que se alternavam no poder e em um imenso isolamento cultural.

Quanto ao culto e à cultura monástica, Mattoso cita as obrigações diárias dos membros de um mosteiro, suas orações e suas leituras da Bíblia e das obras exegéticas dos padres. O abade e o preceptor eram responsáveis pela interpretação do latim, sendo o primeiro quem explicava a Escritura aos seus monges.

No século X multiplicaram-se as escolas criadas por monges, onde era promovido o ensino de outras línguas e de música, de cômputo e de exegese. Nessas escolas também eram ministradas aulas aos oblatos, que eram crianças oferecidas pelos pais aos mosteiros para neles viverem. Os monges ensinavam as primeiras letras aos jovens, ensinavam o saltério, o canto, os cálculos e também formavam escribas. Além de tudo isso, foi citada pelo autor (mas poderia ter sido estudada com mais profundidade) a ocorrência de filhos de nobres que estudavam nos mosteiros, não para se tornarem monges, mas para receberem um ensino elementar. Sabe-se que os monges, na maioria das vezes, tentaram recusar estes alunos vindos da nobreza para estudarem por pouco tempo, mas existem fontes documentais que indicam que isso ocorreu. José Mattoso poderia ter citado os nomes de alguns mosteiros que receberam essas crianças, e até mesmo nomes de algumas das famílias envolvidas.

Quanto aos estudos realizados pelos monges portugueses, sabe-se também que se deram por causa da ignorância reinante na sociedade ou devido às necessidades práticas da comunidade na administração de seu patrimônio. Os monges estudavam Direito Civil, copiavam livros, exerciam funções de escribas, estudavam medicina e analisavam e praticavam novos métodos agrícolas.

Entre os séculos IX e X, as características mais marcantes dos mosteiros do território português eram: liberdade de observâncias, falta de apoio de mosteiros estrangeiros, dependência das famílias patronais e falta de originalidade. Até o século XI, a maioria desses mosteiros era pequena e pobre. A partir do final do décimo primeiro século, os mosteiros passaram a adotar a regra cluniacense, se renovaram e começaram a receber influências externas.

Com relação à biblioteca ou armário de livros dos mosteiros portugalenses, José Mattoso faz uma breve análise. O autor explica como os monges beneditinos deveriam efetuar as leituras e como era avaliada a compreensão de cada monge; descreve os cargos responsáveis pela guarda dos livros (*armarius*) e pelo canto (bibliotecário); cita

quais eram os livros encontrados mais frequentemente nos mosteiros (Bíblia, saltérios, manuais, passionários e outros de autores, como por exemplo, Pacómio, Ambrósio, São Bento, Santo Isidoro de Sevilha, São Frutuoso e Santo Agostinho).

No final do texto, o autor ainda ressalta e analisa alguns mosteiros do norte e do centro do território português, apresentando suas principais características, carências e dificuldades. Dentre os mosteiros analisados na obra, os mais citados foram: mosteiro de Pedroso, de Lorvão, de Paço de Sousa, Pendorada, de Santa Cruz de Coimbra, de Alcobaça e de Santo Tirso. Foram apresentadas, claramente, as diferenças entre os mosteiros do norte, mais desprovidos (com bibliotecas pequenas), e os do centro-sul, maiores, com mais livros e mais ricos.

Para concluirmos nosso estudo acerca do texto de José Mattoso, precisamos apresentar alguns aspectos que poderiam ter sido escritos com maior descrição e aprofundamento pelo autor. Consideramos que seria importante uma maior análise da relação famílias patronais (nobres ou não) e mosteiros, pois este é um dos assuntos citados no texto, que poderia ter ampliado o entendimento do leitor sobre o tema. Além disso, o historiador não explica com a necessidade e a importância devida o porquê de haver mosteiros mais modestos no norte de Portugal e outros mais abastados e melhor equipados no centro do território. O texto também é carente de pormenores sobre os mosteiros em si e suas ramificações femininas.

Entendemos que este texto de José Mattoso é uma excelente síntese da existência monástica em Portugal nos séculos IX, X, XI e XII, porém, deixa a desejar nas explicações minuciosas (que são raras) e na saciedade de entendimento do leitor sobre temas diversos que são apresentados brevemente ao longo do texto.

Contudo, nota-se que escrever “A Cultura Monástica em Portugal (875 – 1200)” não foi tarefa fácil; basta pensarmos sobre a quantidade de documentos necessários para se escrever um estudo como este e na capacidade intelectual exigida para se conseguir sintetizar tudo em tão poucas páginas de maneira organizada e inteligível como foi realizado.